

*SIMONA AHRNSTEDT*

*JOGOS PERIGOSOS*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA ÁLVARES*

ASA



*Quarta-feira, 25 de junho*

David Hammar espreitou pela janela convexa do helicóptero. Sobrevoavam a Suécia rural a trezentos metros de altitude, com um campo de visão de cerca de quarenta quilómetros. Ajustou o *headset* que lhe permitia comunicar com os outros ocupantes do veículo num tom de voz normal.

– Ali – disse, voltando-se para Michel Chamoun, que estava sentado no banco de trás e que também espreitava pela janela. David indicou o vulto amarelo do castelo de Gyllgarn que surgia no horizonte.

O piloto ajustou a rota.

– Aproximamo-nos mais? – perguntou, concentrado no seu destino.

– Muito perto não, Tom. É só para vermos um pouco melhor. – David não tirava os olhos do castelo. – Não quero atrair demasiado a atenção.

Prados verdes, lagos cintilantes e florestas densas estendiam-se por baixo deles como um idílico quadro campestre. O castelo sobressaía de uma pequena ilha que ficava no meio de um rio invulgarmente largo. As águas agitadas formavam um fosso natural de ambos os lados da ilhota, o qual, em tempos idos, lhe proporcionara genuína proteção contra os inimigos.

Tom descreveu um arco amplo com o helicóptero.

Avistavam-se cavalos e ovelhas a pastar nos campos. Uma alameda de enormes carvalhos centenários saía da estrada principal e, àquela altitude, já se viam também as árvores de fruto bem cuidadas e as plantações coloridas que circundavam o belíssimo castelo.

*É um autêntico paraíso.*

– O agente imobiliário com quem falei indicou que só o castelo valerá mais de trinta milhões, em coroas suecas – anunciou David.

– É muito dinheiro – comentou Michel.

– Para não falar na floresta nem nas pastagens. Nem nas vias navegáveis. São milhares de hectares de terra e de água. Só estes valem mais de duzentos. – David passou a enumerar as mais-valias da propriedade. – Na floresta há caça e inúmeros pequenos prédios que pertencem ao castelo. E há ainda o mobiliário, claro, os troféus de guerra do século xv, as pratas luxuosas e a porcelana russa, e uma coleção de arte onde não faltam peças dos últimos trezentos anos. Será disputado pelas leiloeiras do mundo inteiro.

David endireitou-se. Michel deteve-se a observar o castelo amarelo que sobrevoavam.

– E é tudo propriedade da empresa? – perguntou este, incrédulo. – Não é da família?

David fez sinal afirmativo.

– É inacreditável que tenham optado por o fazer – acrescentou. – Quando as pessoas se julgam invencíveis, é o que acontece.

– Ninguém é invencível – declarou Michel.

– Pois não.

Michel olhou pela janela. David aguardou que os olhos escuros do amigo analisassem todos os terrenos.

– É uma joia nacional – prosseguiu Michel. – Se dividirmos isto tudo para vender, levanta-se uma onda de indignação.

– Não é *se* – corrigiu David. – Quando.

Porque o fariam, tinha toda a certeza. Iriam subdividir aqueles terrenos férteis e vendê-los a quem oferecesse mais. As pessoas

iriam protestar. Os atuais proprietários, então, nem se fala. Sorriu ligeiramente ao pensar neles e olhou para Michel.

– Já viste o suficiente?

Michel assentiu e David perguntou:

– Levas-nos novamente para a cidade, Tom? Já terminámos.

Tom anuiu, elevando o helicóptero com uma volta elegante. Deixaram a idílica paisagem para trás em direção a Estocolmo, sobrevoando autoestradas, florestas e fábricas.

Quinze minutos depois entravam na zona de controlo aéreo da capital e Tom começou a falar com a torre de controlo de Bromma. David ouvia sem atenção as frases breves e padronizadas que eles trocavam.

*– ... quinhentos metros, solicito permissão para aterragem final, três pessoas a bordo.*

*– Aprovado, aproximação direta, pista três zero, autorizado a aterrar...*

Tom Lexington era um piloto hábil, que manobrava o helicóptero com movimentos tranquilos e o olhar atento. Durante o dia, trabalhava para uma empresa de segurança privada, mas ele e David conheciam-se há muito tempo e, quando este decidira fazer uma inspeção aérea ao castelo, Tom disponibilizara os seus conhecimentos de voo e o seu tempo.

– Agradeço-te por nos lemares – disse David.

Tom não disse nada, limitando-se a anuir de forma quase impercetível para mostrar que tinha ouvido.

David voltou-se para Michel.

– Ainda falta um bom bocado para a reunião do Conselho de Administração – comentou, consultando o relógio. – A Malin ligou. Está tudo pronto – continuou, referindo-se a Malin Theselius, diretora de comunicação.

Michel, corpulento, musculado e de fato, acomodou-se no banco de trás. Os anéis que trazia nos dedos cintilaram quando passou a mão pela cabeça rapada.

– Vão esfolar-te vivo – declarou, enquanto Estocolmo desfilava trezentos metros abaixo deles. – Sabes disso, não sabes?

– Esfolar-*nos* – corrigiu David.

Michel fez um sorriso irónico.

– Nada disso. *Tu* é que és o menino bonito e o capitalista impiedoso. Eu sou apenas um pobre imigrante libanês a cumprir ordens.

Michel era o homem mais inteligente que David conhecia, além de ser um dos sócios principais da empresa de David, a Hammar Capital. Não demorariam a redesenhar o mapa financeiro da Suécia. Mas Michel tinha razão. David, o fundador, com fama de ser duro e arrogante, seria cilindrado pela imprensa financeira. O que parecia, de certa forma, aliciá-lo.

Michel bocejou.

– Quando isto terminar, tiro umas férias e durmo durante uma semana.

David voltou-se novamente para trás, olhando atentamente os subúrbios cada vez mais distantes. Não estava cansado, bem pelo contrário. Passara metade da sua vida a preparar-se para aquele combate e não queria férias. Queria guerra.

Há quase um ano que planeavam aquela batalha. Era a transacção mais importante da história da Hammar Capital, a aquisição hostil de uma enorme corporação. As semanas seguintes iriam ser decisivas. Nunca ninguém fizera nada parecido.

– Em que estás a pensar? – perguntou David pelo *headset*. Conhecia Michel como ninguém e sabia que o seu silêncio tinha um significado, que a mente perspicaz do amigo se ocupava com algum aspeto jurídico ou financeiro.

– Penso, principalmente – começou Michel –, que será complicado manter este segredo durante muito mais tempo. Já deve haver quem se questione sobre as movimentações na bolsa. Não demorará muito até alguém, algum corretor, talvez, começar a passar informações à imprensa.

– Sim – reconheceu David, porque era algo que estava sempre a acontecer. – Tentamos manter segredo enquanto pudermos – disse. Já por diversas vezes tinham tido aquela conversa. Refinavam os argumentos, procuravam falhas de lógica para ganhar em força e em astúcia. – Continuamos a comprar – afirmou. – Mas pouco de cada vez, menos do que antes. Vou falar com os meus contactos.

– O preço das ações está a começar a subir depressa.

– Eu vi – disse David. A curva do preço das ações parecia uma onda. – Teremos de ver quanto tempo se aguenta financeiramente.

Era sempre um exercício de equilíbrio, a rapidez com que podiam avançar. Quanto mais agressiva fosse a compra das ações de uma empresa, mais os preços subiam. E se se soubesse que a compradora era a Hammar Capital, então é que os preços disparavam. Até àquele momento, tinham agido com extremo cuidado. Compravam através de empresas fachada fiáveis e credíveis em pequenas quantidades, dia sim, dia não. Pequenas transações que mal agitavam as águas da gigantesca paisagem bolsista. Mas tanto ele como Michel sabiam que se aproximavam de um patamar crítico.

– Não é novidade nenhuma que mais tarde ou mais cedo seríamos obrigados a tornar isto público – prosseguiu David. – Há semanas que a Malin trabalha no comunicado de imprensa.

– Vai ser uma loucura – declarou Michel.

David sorriu.

– Eu sei. Esperemos passar despercebidos aos radares da bolsa durante mais algum tempo – concluiu.

Michel assentiu. Afinal, era àquilo que se dedicava a Hammar Capital. A sua equipa de analistas procurava empresas que não estivessem a ter tão bons resultados como deviam. David e Michel identificavam os problemas, que amiúde se deviam a uma liderança incompetente, e apoderavam-se de ações suficientes para obter a participação maioritária.

Depois tomavam posse, de forma brutal. Desfaziam a empresa, reestruturavam-na, vendiam-na e lucravam. Poucos havia tão bons

a adquirir e aperfeiçoar. Às vezes decorria tudo sem contratempos. As pessoas cooperavam e a Hammar Capital cumpria os seus propósitos. Outras, havia conflitos.

– Ainda assim, gostaria de ter do nosso lado alguém da família proprietária – comentou David, quando entravam na parte sul de Estocolmo.

Contar com o apoio de um ou vários dos principais acionistas, como os gestores dos colossais fundos de pensões, por exemplo, era essencial para o sucesso de uma aquisição hostil daquela envergadura. David e Michel tinham dedicado muito tempo a convencê-los, marcando presença em intermináveis reuniões e apresentando inúmeros relatórios. Porque captar alguém da família detentora da empresa tinha várias vantagens. Seria, por um lado, uma garantia de prestígio, com um grande peso simbólico, especialmente naquela empresa, a Investum, uma das maiores e mais antigas da Suécia. Por outro lado, o facto de David e Michel contarem com um aliado do círculo mais restrito permitir-lhes-ia conquistar de forma automática o voto favorável de diversos acionistas.

– Facilitava-nos todo o processo – prosseguiu.

– Mas quem?

– Na família há uma pessoa que seguiu um rumo próprio – disse David quando o aeroporto de Bromma começou a avistar-se ao longe.

Michel ficou em silêncio por um momento.

– Referes-te à filha, certo?

– Sim – devolveu David. – É uma desconhecida, mas consta que é um grande talento. É possível que esteja descontente com a forma como os homens a tratam.

A Investum não era apenas uma companhia antiga e tradicional. O peso do patriarcado era tal que, comparativamente, se julgariam vanguardistas na década de 1950.

– Acreditas mesmo que conseguirás conquistar alguém daquela família? – perguntou Michel com hesitação. – Não gozas propriamente de grande popularidade entre eles.

O eufemismo quase arrancou uma gargalhada a David.

A Investum era controlada pela família De la Grip e faturava milhares de milhões de coroas suecas por dia. A empresa, ou seja, a família De la Grip, controlava indiretamente quase um décimo do PIB da Suécia e era proprietária do maior banco do país. Havia elementos daquela família no Conselho de Administração de praticamente todas as grandes empresas suecas. A família De la Grip era rica, tradicional e pertencia à alta-rodada. O mais próximo da realeza que um plebeu poderia almejar. Na verdade, tinha sangue consideravelmente mais azul do que qualquer um dos membros da casa de Bernadotte, a família real sueca. Ainda assim, não seria muito provável que David Hammar, o arrivista, conseguisse que alguém do círculo mais restrito, conhecido pela sua lealdade, trocasse de lado para se juntar a ele, um famigerado investidor de risco dedicado à pirataria empresarial.

Não seria a primeira vez, porém, que ele conseguiria convencer alguns elementos da família a unirem-se a ele, o que, por norma, implicava um rasto de laços familiares destruídos. Regra geral, lamentava-o, mas naquele caso seria um ganho acrescido.

– Vou tentar – disse.

– Não te falta loucura – reagiu Michel. Não era a primeira vez no ano que o dizia.

David confirmou.

– Já lhe liguei para marcar um almoço de negócios.

– Naturalmente – devolveu Michel ao mesmo tempo que o helicóptero iniciava a descida para aterrar. O voo demorara menos de trinta minutos. – E o que é que ela disse?

David recordou a voz serena que atendera o telefone. Não fora um assistente, mas sim a própria Natalia De la Grip. Parecera-lhe surpreendida mas não se alongara, limitando-se a agradecer-lhe o convite. A assistente confirmara a reunião por correio eletrónico.

– Disse que estava ansiosa pela reunião.

– A sério?

David riu-se, mas sem alegria. A voz dela situava-a automaticamente nas classes privilegiadas pelas quais ele nutria absoluto desdém. Natalia De la Grip pertencia ao restrito grupo de mulheres suecas, cerca de uma centena, que nasceram com o título de condessa, a elite das elites. Ele mal tinha palavras para exprimir o pouco apreço que dedicava àquele género de pessoa.

– Não – declarou. – Não disse. – Mas, vendo bem, também não esperara que ela o fizesse.

*Quinta-feira, 26 de junho*

Natalia vasculhou as pilhas de papéis que lhe ocupavam a secretária. Tirou uma folha com tabelas e números.

– Ah-ah! – disse, abanando a folha. Olhou triunfante para a loira platinada sentada na pequena cadeira de visitas que mal cabia no cubículo que Natalia tinha por escritório. A sua amiga Åsa Bjelke espreitou o papel com reduzido interesse e dedicou-se novamente a examinar o verniz de cor neutra. Natalia observou a confusão da sua secretária e continuou a procurar. Detestava a falta de ordem, mas era praticamente impossível manter a arrumação num escritório tão pequeno.

– Como estás? Diz-me – insistiu Åsa, bebendo do café que comprara pelo caminho e observando Natalia retomar as suas buscas. – Só pergunto porque pareces muito desconcentrada – prosseguiu. – E embora tenhas várias peculiaridades, a falta de concentração não costuma ser uma delas. Nunca te vi assim.

Natalia franziu a testa. Um documento importante desaparecera sem deixar rasto. Seria obrigada a perguntar por ele a um dos seus já exaustos assistentes.

– O J-O ligou da Dinamarca – disse Natalia, referindo-se ao patrão. – Quer que eu apresente um relatório e não consigo encontrá-lo. – Viu outro papel, tirou-o do monte e leu-o com olhos

cansados. Não dormira grande coisa na noite anterior. Desde logo, ficara a trabalhar até de madrugada, pois a colossal operação que estava prestes a concretizar-se consumia-lhe o tempo praticamente todo. Depois, de manhãzinha, muito cedo, ligara-lhe um cliente a queixar-se de um assunto que poderia ter aguardado umas horas mais. Olhou para Åsa. – O que queres dizer com isso de ter peculiaridades?

Åsa levou novamente à boca o copo descartável e, sem responder à pergunta de Natalia, insistiu:

– Mas, afinal, qual é o problema?

– Os problemas – retorquiu a amiga. – O meu trabalho, o meu pai, a minha mãe. Tudo.

– Mas porquê tanta papelada? O que aconteceu à redução da utilização de papel na empresa?

Natalia olhou para ela. Ao ver o aspeto fresco e descansado da amiga, a roupa impecável e as unhas bem tratadas sentiu alguma irritação.

– Olha, não é que não me agradem as tuas visitas inesperadas – declarou, sem ser completamente sincera –, mas o meu pai queixa-se sempre dos honorários que os advogados cobram. Não devias estar na Investum a justificar o teu salário? Quer dizer, em vez de vires distrair-me para este escritório minúsculo, vestida de *Prada*.

– Eu justifico o meu salário – declarou Åsa, com um aceno de mão. – E tu sabes muito bem que o teu pai não pensa dispensar-me. – Olhou diretamente para Natalia. – Sabe-lo bem.

Natalia assentiu. Sim, sabia.

– Passei por perto, só isso – prosseguiu Åsa. – E lembrei-me de vir perguntar-te se querias almoçar. Se tiver de almoçar mais alguma vez com algum dos outros advogados da Investum, mato-me. A bem da verdade, se soubesse que os advogados eram tão entediantes, não tinha escolhido Direito – rematou, mexendo no cabelo loiro. – Quem sabe não teria vocação para líder de seitas religiosas.

– Não posso – abreviou Natalia de forma um bocado brusca, mas quando reparou já era tarde. – Estou ocupada – disse,

aclarando a garganta. – Desculpa – acrescentou, desnecessariamente. – Como disse, estou ocupada. – Inclinou a cabeça e voltou a vasculhar alguns papéis para evitar o olhar astuto de Åsa.

– A sério?

– Sim – disse Natalia. – Não é assim tão inusitado, pois não?

Åsa fitou-a.

– O teu cérebro pode ser um supercomputador, mas és péssima a mentir – declarou. – Ontem tinhas tempo, tu própria o disseste. Quanto a outros amigos, não os tens. Estás a tentar evitar-me?

– Não, estou *mesmo* ocupada. E nunca sonharia tentar evitar-te. És a minha melhor amiga. Embora tenha outros amigos, para teu conhecimento. Talvez amanhã. Eu convido.

– Estás ocupada a fazer o quê, se posso perguntar? – insistiu Åsa, sem se deixar distrair pelo possível almoço.

Natalia ficou em silêncio. Inclinou a cabeça para a secretária apinhada. Seria uma boa altura para um dos telefones tocar ou até para o alarme de incêndio disparar, pensou.

Åsa arregalou os olhos como se acabasse de ter uma revelação.

– Ah-ah! Quem é ele?

– Não sejas parva. Vou só almoçar.

Os olhos de Åsa reduziram-se a duas pinceladas de azul-turquesa.

– Mas estás ainda mais estranha do que o normal. Com quem?

Natalia comprimiu os lábios.

– Natalia, com quem?

Natalia desistiu.

– Com uma pessoa, da... há... HC.

Åsa franziu as sobrancelhas loiras.

– Com *quem?* – repetiu teimosamente. A vocação para líder de seitas poderia ser questionável, mas a sua aptidão para conduzir interrogatórios não podia ser negada, pensou Natalia. Aquele aparato de boneca loira era bem enganador.

– É só um almoço de negócios – frisou, na defensiva. – Nada mais do que isso. Ele conhece o J-O – acrescentou, como se o facto de o homem que a convidara conhecer o seu chefe explicasse tudo.

– Quem?

Natalia rendeu-se.

– O David Hammar.

Åsa recostou-se na cadeira, radiante.

– O mandachuva? – replicou. – Mas se não é o Senhor Capital de Risco em pessoa. O menino mau do mundo financeiro. – Inclinou a cabeça. – Diz-me que tencionas ir para a cama com ele.

– Enlouqueceste – reagiu Natalia. – Tarada. Sinceramente, apetecia-me cancelar, estou uma pilha de nervos. Mas uma das coisas que não consigo encontrar é o meu telemóvel, onde está o número dele – acrescentou. Como é que era possível perder um telemóvel num escritório que não tinha sequer quatro metros quadrados?

– Por amor de Deus, mulher, porque não contratas um assistente?

– Eu tenho uma assistente – disse Natalia. – Que, ao contrário de mim, tem vida própria. Os miúdos dela ficaram doentes e ela teve de ir para casa. – Espreitou o relógio. – Ontem – suspirou deixando-se cair na cadeira. Fechou os olhos. Não conseguia continuar à procura. Não podia mais. Parecia-lhe que trabalhava há décadas sem parar. E tinha tanta papelada por tratar, um relatório para escrever e pelo menos cinco reuniões para marcar. Na verdade, não tinha...

– Natalia?

Deu um salto ao ouvir a voz de Åsa e percebeu que quase adormecera naquela cadeira desconfortável.

– O que foi?

Åsa olhou-a muito séria. A expressão trocista desaparecera.

– A Hammar Capital não é a encarnação do mal, por muito que o teu pai e o teu irmão julguem que sim. São duros, certo, mas

o David Hammar não é Satanás. E é podre de giro. Não tens de te envergonhar, se achas que poderá ser divertido conhecê-lo.

– Não – disse Natalia. – Eu sei. – Mas perguntava-se o que queria com *ela* o lendário CEO da Hammar Capital. E talvez não fosse o diabo, mas tinha fama de ser duro e implacável, até mesmo segundo os padrões da indústria financeira. – Não, vou apenas almoçar e tentar perceber o que ele quer – declarou, com firmeza. – Se tem negócios a tratar com o banco, vai querer falar com o J-O, não comigo.

– Pois, mas nunca se sabe, com a Hammar Capital – devolveu Åsa, levantando-se com elegância. – E estás a subestimar-te. Conheces alguém tão inteligente como tu? Não, precisamente. – Alisou a roupa impecável, sem um único vinco. Embora o fato fosse de corte austero (por acaso, Natalia sabia que fora desenhado pela Prada especialmente para Åsa), a blusa de seda simples e os sapatos de salto alto beges, parecia uma estrela de cinema glamorosa.

Åsa inclinou-se sobre a secretária.

– Sabes muito bem que não deves importar-te tanto com o que o teu pai pensa – disse, pondo o dedo na ferida sem piedade, como sempre. – És brilhante e vais longe. Podes fazer carreira aqui – comentou, indicando o edifício em que se encontravam, a sede sueca de um dos maiores bancos do mundo, o Bank of London. – Não tens de trabalhar na empresa da tua família para teres sucesso – prosseguiu. – São atrasadíssimos na forma como veem as mulheres e tu sabê-lo bem. O teu pai é irremediável; o teu irmão é um idiota, e o resto da administração é o maior bando de machistas de que há notícia. Eu sei porque trabalho com eles. – Inclinou a cabeça. – És mais inteligente do que eles todos juntos.

– Talvez.

– Então porque é que não estás na administração?

– Mas tu trabalhas lá. Estás satisfeita, não estás? – perguntou Natalia, evitando dar resposta ao porquê de não pertencer ao Conselho de Administração da Investum. Era um assunto muito delicado.

– Sim, mas só entrei devido às quotas de género – interpelou Åsa. – Fui contratada por um homem que detesta ter de cumprir com as quotas tanto quanto detesta imigrantes, feministas e operários. Eu sou o álibi dele. Pode apontar para mim e dizer que pelo menos contrata mulheres.

– O meu pai não odeia... – principiou Natalia, não chegando a concluir. Åsa tinha razão.

– Além de que o teu pai tem pena de mim por eu ser órfã – continuou Åsa. – E, além disso, não tenho quaisquer ambições de lhe tirar o lugar e comandar aquele bando de miseráveis. Tudo o que desejo é não morrer de tédio. Mas tu tens tudo para atingir o topo.

Åsa pegou na mala de cinquenta mil coroas e remexeu-a. Tirou um batom claro e retocou os lábios.

– Ele queria uma reunião discreta – disse Natalia. – Desde logo, não devia ter-te contado. Não vais dizer a ninguém, pois não?

– Tem juízo. Claro que não. Mas o que é que ele quer, sabes?

– Tem de ser alguma coisa sobre financiamento. Poderá estar a combinar alguma operação com um dos nossos clientes. Não sei. Fiquei acordada metade da noite a pensar no assunto. Ou talvez queira apenas trocar contactos. – Não era invulgar as pessoas quererem conhecê-la por ela ser quem era: da família De la Grip, uma mulher com ascendência e bem relacionada. Detestava aquilo. Mas David Hammar espicaçara-lhe a curiosidade. Além disso, não lhe parecera bajulador nem interesseiro, apenas educado. E ela tinha de almoçar, por isso...

Åsa observou-a atentamente.

– O melhor será eu ir contigo. Quem sabe as parvoíces que poderão escapar se te deixar entregue a ti própria.

Natalia absteve-se de lhe recordar que era considerada um dos mais promissores talentos do país na área do financiamento societário. A gestão financeira empresarial era uma das especializações mais complexas do mundo dos negócios e ela tinha das notas mais brilhantes do país em gestão de empresas, de sempre. Na sua

atividade de gestão financeira, aquisição e assessoria de empresas tivera a seu cargo centenas de milhões de coroas suecas, literalmente, numa base diária, e estava naquele momento a concluir uma das operações bancárias mais complexas da história da Suécia. Contudo, Åsa tinha razão, claro. Quem sabe que parvoíces poderiam escapar-lhe, no estado de desconcentração em que se encontrava.

– Eu ligo-te e conto-te como correu – declarou laconicamente.

Åsa continuou a observá-la.

– Pelo menos descobre o que ele quer – disse, por fim. – Mal não te fará. Não falta quem se dispusesse a tudo pela oportunidade de trabalhar com o David Hammar. Ou de dormir com ele.

– Não achas que é demasiado arriscado eu ser vista com ele, pois não? – perguntou Natalia, detestando a insegurança que ouvia na própria voz.

– Claro que é arriscado – devolveu Åsa. – É um homem perigoso, rico e o teu pai detesta-o. Que mais podes desejar?

– Cancelo?

Åsa abanou a cabeça, dizendo:

– Claro que não. Viver sem correr riscos não é viver.

– É o provérbio do dia? – brincou Natalia. Não era muito apelativo.

Åsa riu-se, levantou-se e estendeu-lhe o copo de café vazio, branco com umas letras pretas.

– Não, é só o que diz no meu café – declarou. – Talvez seja melhor regressar ao escritório e fazer um ou dois telefonemas. Talvez possa despedir alguém. Os advogados não são nada divertidos, pois não? Onde vais encontrar-te com ele?

– Em Djurgården, no restaurante Ulla Winbladh.

– Podia ser pior – provocou Åsa. Não encontrava nada que pudesse criticar, apesar de não se poupar a esforços. Passou os dedos pelo lenço. A última vez que Natalia vira um lenço de seda assim fora numa prateleira da Nordiska Kompaniet, na secção da Her-mès, e a etiqueta revelava uma soma avultada.

– És uma snobe, sabes disso, não? – provocou.

– Reconheço a qualidade – declarou Åsa, colocando a alça da mala por cima do ombro. – Nem todas as pessoas podem comprar produtos fabricados em série, tu sabes disso. – Estremeceu e dirigiu a Natalia toda a força dos seus olhos azul-turquesa. – Pelo menos, protege-te. Sabe-se lá com quem ele já dormiu.

Natalia fez uma careta.

– Com princesas, na sua maioria, a julgar pelo que se diz – disse. Não escapava às notícias cor-de-rosa que circulavam pela Internet.

– Ora, impostoras e novas-ricas – retorquiu Åsa, cuja linhagem sueca remontava a 1200. – Não faças nada que eu não fizesse.

*Bem, aquilo não excluía grande coisa*, pensou Natalia, morrendo a língua.

– Vais usar isso? – perguntou Åsa, contemplando o fato de Natalia como quem vaticina que há coisas piores do que roupa produzida em série. – Onde desencantaste uma coisa dessas?

– É um almoço – replicou uma Natalia defensiva. – Para que saibas, foi feito por medida.

Åsa analisou o tecido cinzento.

– Muito bem, mas em que século?

– És uma snobe incurável, tens consciência disso, não tens? – sentenciou Natalia, levantando-se e dirigindo-se para a porta, que abriu para a amiga sair.

– É bem provável – admitiu Åsa. – Mas isso não me tira a razão.

– Sobre quê?

Åsa riu-se, com o mesmo riso que fazia com que os homens comessem a anunciar as casas de férias e a oferecer-lhe bebidas.

– Sobre tudo, querida, sobre *tudo*.